

O sesquicentenário do Seminário da Prainha, 1864-2014, nas revelações da memória individual e da memória coletiva

GISAFRAN NAZARENO MOTA JUCÁ*

A vida é uma indagação contínua e a própria configuração do ser humano, com o passar dos anos se afigura como a revelação de uma insistente indagação, afinal todo indivíduo é uma indagação ambulante e não é à toa que no curso da nossa biogenética nos curvamos ao passar dos anos, quando a maneira pesada de andar, com o pescoço curvo, seja de forma acentuada ou de modo discreto, a ameaça de uma curvatura indesejada, cada um de nós se afigura como a representação de uma constante revelação, da nossa fragilidade existencial, afinal somos indagações ambulantes, conscientes ou inconscientes, em contínua busca de soluções aos insolúveis dilemas que nos rodeiam.

A procura de salvação não se afigura exclusivamente como uma revelação da identidade de uma determinada crença religiosa, igreja ou religião, ou de um determinado país ou sistema, mas permanece estampada, no palco da história universal, como a semente fecunda de todo o conhecimento do processo histórico, sem fronteiras, na busca da almejada realização humana. A sua própria configuração se revela em forma indagável e o *continuum* da história não é explicado apenas no livro dos livros, a Bíblia, mas permanece em debate ao longo da história, seja qual for o período ou século evocado, seja qual for a cultura reverenciada, sempre fulgura uma indagação. Somos indagações contínuas, cercadas de múltiplas questões, na tentativa de compreender o curso histórico no qual estamos inseridos.

* Sócio efetivo do Instituto do Ceará.

No peso das indagações que me acompanharam, ao longo dos anos vividos, uma delas perdurou de forma constante e dizia respeito exatamente ao histórico do Seminário da Prainha na história da minha vida e dos que comigo viveram: o que representou, na década de sessenta do século passado o meu internato, dos onze aos dezessete anos e dos demais colegas de internato, na Prainha, ou a vida cotidiana dos sacerdotes que ocuparam cargos do magistério à sua direção, ao longo do período de formação eclesiástica, do seis anos do chamado Seminário Menor até os cinco anos do chamado Maior, dedicados à formação filosófica e teológica de muitos convidados e poucos escolhidos, como nos transmitia a tradição católica?

A primeira vontade de escrever sobre o Seminário se manifestou, logo após a minha saída, dessa instituição, em 1963, ao término da quarta série ginasial, coincidindo com a saída dos Padres lazaristas da direção da Prainha, precisamente um ano antes de completar o centenário de dedicação da referida ordem religiosa à formação do clero cearense e de parte do clero de outras dioceses do Ceará. Um detalhe complementar, sai por recomendação do Reitor Lazarista, que não me via como alguém apto a seguir a carreira eclesiástica, modelada no sentido da manutenção de uma obediência contínua aos seus superiores. Nada de condenável havia praticado, mas a minha insistência em fazer coro às críticas constantes ao rigor disciplinar dos lazaristas e à severa vigilância, que nos era direcionada, como algo fora do tempo, expressando uma insatisfação coletiva, no início da década de sessenta, presente no chamado Seminário Menor e mais acentuada no Seminário Maior, revela o estado de inquietação reinante entre os internos da Prainha daqueles dias.

A saída dos padres lazaristas da direção da Prainha, em 1963, um ano antes da comemoração do centenário da respeitada instituição nos deixou cercados de indagações, sempre levantadas, mas nunca respondidas a contento: por que os lazaristas deixaram a direção do seminário? Foi apenas em decorrência e como uma reação da direção da instituição a um caso ocorrido contra “a moral e os bons costumes” ou teria sido, sobretudo, uma decisão do polêmico Arcebispo de Fortaleza, Dom José de Medeiros Delgado, louvado pelos que com ele trabalharam, como seus assessores imediatos ou mesmo pelos seminaristas que o conheceram de perto, mas criticado, pelos que o acompanharam,

indiretamente, ao longo de sua estada como Arcebispo Metropolitano de Fortaleza, seja, por seminaristas, oriundos de outras dioceses, seja pela opinião de alguns padres que com ele conviveram, como os próprios padres lazaristas.

A respeito da polêmica presença de Dom Delgado, na Arquidiocese de Fortaleza, no período em que o Concílio Vaticano II despontava, (1962 -1965) como uma renovação eclesial, com os prós e os contra sua atuação, além da monografia do Professor José Fernandes Brandão, em defesa e reverência a Dom Delgado, intitulada *A Verdade sobre Dom José de Medeiros Delgado, arcebispo de Fortaleza*, ao término do Curso de Especialização em Ciência da Religião: o fenômeno religioso, cursado em 1999, merece destaque a dissertação de Mestrado/UFC, do historiador Márcio de Souza Porto, intitulada “Dom Delgado na Igreja do Seu Tempo. (1963-1969)”. O autor analisa a ação social de D. Delgado, que se apoiava nas decisões do Concílio Vaticano II, destacando o seu envolvimento com a pastoral adotada, em prol do “aggiornamento” (atualização) da igreja, seguindo a trilha alimentada por Dom Helder Câmara, no Recife e Dom Antônio Fragoso, na diocese de Crateús, aqui no Ceará. Entretanto, fica explícito nessa dissertação que Dom Delgado não pode ser definido como um membro da chamada esquerda católica, nem pode ser considerado um aliado da chamada facção da direita, presente na igreja católica dos anos sessenta.

O curioso é que a mudança registrada, na história do Seminário, com a saída dos lazaristas, substituídos em sua direção pelos padres seculares, provenientes da Arquidiocese de Fortaleza e das demais dioceses do estado, integrantes do quadro docente do Seminário intitulado Regional, sacerdotes vindos de Sobral, Crato, Limoeiro, foi mais passageira do que alvissareira, pois em menos de cinco anos, uma nova crise se manifestou, na Prainha, ou melhor, a velha crise ressurgiu, demonstrando que a questão básica não se restringia ao tipo de direção da consagrada instituição, mas ao modelo de formação adotado que já não atendia ao turbulento cenário da época. Sobre o porquê da crise vivida pelo Seminário, em dois momentos de uma mesma década, com os lazaristas e sem os lazaristas, sem menosprezar as explicações apresentadas pelos mais de cinquenta entrevistados, envolvendo um Arcebispo, três Bispos, alguns padres lazaristas, como dois ex-reitores, dom

Vicente Zico e Padre Agatão e um professor, diretor espiritual, professor de português, o estimado Padre Gomes, lembrando que uma parte dos docentes era constituída por padres seculares e mesmo por ex-seminaristas, quando da instalação do Seminário regional. Sobre essa época, eu destaco dois reveladores depoimentos: o primeiro é do Padre Osvaldo Carneiro Chaves, o consagrado e louvado professor de português, do Seminário de Sobral:

“Sobre a saída dos padres lazaristas da direção da Prainha, no meu entender não foram os lazaristas que saíram, foi um barco que afundou. Não foi o rato que saiu do navio, foi o barco que afundou. O seminário se acabou. Foi uma encruzilhada do Vaticano, uma encruzilhada histórica. Eu acho que foi o barco do Seminário que naufragou, porque fechou o nosso seminário, aqui, em Sobral, fechou o da Prainha, aqui foi em 1967. Ninguém sabia onde colocar os seminaristas. O reitor do Seminário inventou de colocá-los no Colégio Sobralense, que é diocesano: os seminaristas vão para lá, são estudiosos, acabam convencendo os outros para serem seminaristas também, para entrarem no Seminário, o que não aconteceu. Não por deficiência dos seminaristas, mas por causa do contexto histórico. O Concílio de Trento já acabara. Era uma madrugada.”

A segunda explicação nos foi apresentada pelo Monsenhor João Olímpio Castello Branco, da diocese de Limoeiro, que passou apenas quatro anos na Prainha, pois foi cursar Teologia em Roma. Segundo ele, “Você imagina o mar revolto, você conduzir uma barca num mar revolto, não é qualquer timoneiro que conduz. Então, a coisa estava efervescendo, esse vírus, se e que a gente pode chamar assim, esse desejo de liberdade. É proibido proibir, estava escrito lá em Paris. É proibido proibir. Trabalhe para viver, não viva para trabalhar. Então isso pegou dentro da igreja, dos seminaristas. Crise de autoridade, crise de obediência e os padres não estavam preparados e então não souberam enfrentar...”

O livro, de minha autoria, ainda não publicado, *Seminário da Prainha: indícios da memória individual e da memória coletiva* resultado do meu estágio de pesquisa de pós-doutorado, cursado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, sob a supervisão da Professora Dra. Sandra Jatahy Pesavento, que já partiu dessa vida e a quem apresento uma dedicatória especial, evocando o poeta Carlos Drummond de Andrade, para quem “a morte é algo perfei-

tamente natural desde que não aconteça com aqueles que nos são caros,” esse livro está dividido em tópicos temáticos, que não intitulei capítulos, envolvendo desde “O Seminário da Prainha na micro história urbana e sua memória,” - dedicado à memória social de Fortaleza, expressa pela Literatura, através das produções literárias, *A Normalista*, de Adolfo Caminha e Aldeota, outra obra de destaque da literatura cearense, do romancista Jader de Carvalho, reveladores do cotidiano de Fortaleza, na segunda metade do século XX e da Fortaleza do pós-guerra, com seus contrastes sociais, sempre presentes ao longo da sua história.

Também recorri ao que denominei de “resquícios da memória individual”, ou seja, memória da Prainha no processo de “individualização”, além de algumas memórias individuais, reveladoras de uma memória coletiva, composta pelos depoimentos de Dom Vicente Zico, um dos últimos Reitores da Prainha, Arcebispo Benemérito de Belém do Pará, Padre Sebastião Agatão Dias, último reitor lazarista da Prainha e o Padre Antonio Gomes Pereira, outro lazarista benquisto e lembrado pelos depoentes, além dos cearenses Dom Paulo Eduardo Andrade Ponte, Professor Alberto Barbosa Viana, Monsenhor Dermival de Andrade Gondim, Padre Osvaldo Carneiro Chaves, Padre Gotardo Thomaz de Lemos, Padre Francisco Alves Teixeira, Professor Raimundo de Assis Holanda, Modesto Siebra Coelho, Roberto Caminha Cavalcante e Professor Paulo Cartaxo Andriola. O total foram 51 entrevistas, das quais 14 as reproduzi na íntegra, não em virtude de uma simpatia especial, para com os entrevistados, mas pelo caráter representativo de cada uma delas.

O critério de escolha desses depoimentos, que denomino integrais, deveu-se ao significado revelador de cada uma dessas experiências, como por exemplo a do Padre Teixeira, que deixou a vida eclesiástica, casou e após ficar viúvo voltou ao sacerdócio, a dos meus amigos, “quase irmãos” Modesto Siebra Coelho e Raimundo de Assis Holanda ou ainda do Professor Paulo Cartaxo Andriola, oriundo da Diocese de Cajazeiras, PB, mas que cursou um ano no Seminário de Olinda, além da sua estada na Prainha.

As outras valiosas revelações, extraídas dos depoimentos dos demais entrevistados, envolvendo os residentes nas cidades de Fortaleza, Limoeiro do Norte, Crato, Sobral, João Pessoa, São Luiz, Teresina e

Belém do Pará nos fizeram compreender o significado de cada uma das experiências aqui vividas e ali rememoradas, não como se costuma generalizar na classificação das entrevistas, como um “resgate”, pois nada se resgata, na história, mas se rememora e se reconstrói o passado, no presente e com os olhos do presente, partindo das revelações, dos entrevistados, fornecidas não apenas pelo nosso modo racional de pensar, mas como uma demonstração da força reveladora do inconsciente coletivo. Cada uma das entrevistas é um livro aberto acerca do papel do velho Seminário da Prainha, o que denominei no início da pesquisa como uma outra Fortaleza, uma fortaleza fortalecida pela fé na busca da remissão dos pecados de uma desfortalecida Fortaleza, capital do estado do Ceará.

Tais depoimentos nos conduzem ao que denominei “representação do imaginário sacralizado e os contrastes redimidos”, além de focalizar “o peso do celibato e o ideal de sua sublimação”, sem esquecer “a crise no anos sessenta do Seminário da Prainha, antes das considerações finais. São mais de 500 páginas moldadas espontaneamente, sem dificuldade em redigi-las, ou melhor, digitá-las, na revelação de um curso espontâneo da narrativa, pensada e confrontada, na busca de uma compreensão do curso de um processo de “longa duração”, que reconheço como o continuum da história, em dois tempos significativos, repensando as condições de formação religiosa, na segunda metade do século XIX, quando o racionalismo expresso no ímpeto positivista almejava destronar a Igreja católica do seu papel de Mater et Magistra, naqueles dias e a outra Prainha, mais recente, às vésperas do Concílio Vaticano II.

Ao longo desse trabalho, com um total de 507 páginas, o tempo histórico da Prainha fluiu de forma espontânea e reveladora, embora um capítulo do livro tenha sido escrito, como frisei, logo após a minha saída da Prainha, em 1966. São Rabiscos rebuscados e reveladores do meu inconsciente, que se associam ao inconsciente coletivo, na formação da nossa memória acerca do nosso Seminário da Prainha. Vejamos dois reveladores depoimentos acerca dos seus dois momentos históricos elencados:

“Situado no bairro Outeiro da Prainha, ao lado leste da cidade, por sua posição sobre a colina, a poucos passos da praia, se apresenta al-

teroso e imponente a quem o vê do mar com a sua espaçosa frontaria de 24 janelas, tendo ainda à esquerda a linda capela de Nossa Senhora da Conceição. (Bezerra de Menezes, a descrição da cidade de Fortaleza, na segunda metade do século XIX.)

A ânsia de penetrar no labirinto da chamada “Ego-história” me acompanhou no curso “do fio e dos rastros”, nas palavras de Carlo Ginzburg, da minha experiência existencial, mesmo antes de que esta opção metodológica fosse inserida na produção acadêmica. Se esse desafio persistiu, ao longo de mais de meio século existencial, por outro lado sempre o senti barrado, pois a sua representação se me afigurava de uma forma desestimulante. Entretanto, graças à descoberta do alcance da “história oral” e às revelações dos encontros da Associação Brasileira de História Oral (ABHO), as fronteiras entre história e memória, ao invés de constituírem uma barreira, afloravam como representações que possibilitavam aproximar o que parecia impossível. É como se fossem duas fontes, em posições paralelas, mas com traços comuns, simbolizados por uma água cristalina, fluida. Mas foi a leitura de *Memórias, Sonhos e Reflexões*, de Jung (2006), que me fez descobrir as dimensões do inconsciente. Nas palavras de Jung,

Minha vida é a história de um inconsciente que se realizou. Tudo o que nela repousa aspira a tornar-se acontecimento, e a personalidade, por seu lado, quer evoluir a partir de suas condições inconscientes experimentar-se como totalidade. A fim de descrever esse desenvolvimento, tal como se processou em mim, não posso servir-me da linguagem científica, não posso experimentar como um problema científico.

O pesado conceito do que se concebia como científico explica o dilema de Jung em aproximar o seu mundo interior do crivo acadêmico de sua época, panorama bem diferente dos dias atuais, em que o “não dito” e a “desconstrução” expressam a ânsia de romper com verdades anteriormente consagradas.

Alegoricamente ou como uma transubstanciação, nós mesmos, com o passar dos anos, quando percebemos que “a existência é rápida e falaz”, como nos disse o Pe. Antonio Tomas, passamos a perceber o presente não apenas como um estágio diferenciado do passado, mas como um curso normal, ao longo da história, na busca de um amanhã,

quer queiramos ou não, estejamos em um estágio otimista, contagiante, ou atormentado pela incerteza de um amanhã ameaçador, temendo o “dies irae, dies irae, calamitatis et miseriae, dies magna et amare valde”. [Dia de ira, aquele dia de calamidade e de miséria, grande dia, cheio de amarguras”] Ao longo da minha formação, incluindo a própria conclusão no ensino superior, a divisão do tempo nos foi transmitida como se houvesse uma separação total, entre o passado, que já teria morrido e o presente, cercado de indagações, com a esperança de um futuro melhor ou um amanhã temerário. É como se fossem três ilhas, representativas das nossas existências, mas a vida é formada por um arquipélago conectado, onde os laços de ternura ou de rupturas nos associam.

A melhor explicação do tempo nos foi transmitida por Santo Agostinho, conforme nos demonstra o filósofo Paul Ricoeur, um protestante, revelador do peso do definidor do “Deus sem Nome”:

“Lembramo-nos das declarações estrondosas do autor das Confissões: existem três presentes, o presente do passado, que é a memória, o presente do futuro, que é a expectativa, o presente do presente, que é a intuição (ou a tenção). Esse triplo presente é o princípio organizador da temporalidade; nele se declara a deiscência íntima denominada por Santo Agostinho de distentio animi, que faz do tempo humano a réplica deficiente da eternidade divina, esse eterno presente”. (RICOEUR, 2007, p. 360-361).

Por isso, as nossas recordações representam uma revelação, consciente ou inconsciente, de um passado distante ou imediato, dependendo da lembrança evocada ou da experiência rememorada. Na evocação das revelações de um passado, ainda presente, no meu inconsciente, relembro que em 1967, aos dezessete anos, saído da Prainha e aluno do terceiro ano do Curso Clássico do Liceu do Ceará, como representação das minhas dúvidas e angústias, passei a escrever mecanicamente, em dois cadernos, as lembranças guardadas sobre o cotidiano, dos anos 1960.

O primeiro caderno intitulei “Rabiscos”, onde retratava a vivência cotidiana, envolvendo desde uma aula assistida no Liceu do Ceará, onde fui concluir o terceiro ano do denominado Curso Clássico, onde além das disciplinas básicas eram ofertadas o latim, o grego, o alemão e o francês, sem esquecer a literatura brasileira, em síntese, era

um curso destinado aos candidatos a profissões no campo das ciências humanas, os prováveis candidatos a uma das vagas no Curso de Direito, da UFC, ou a uma das licenciaturas, ofertadas na UFC e na Faculdade de Filosofia do Ceará, essa última dirigida pelos Irmãos Maristas e encampada pelo Governo estadual em 1966. Também faziam parte dessas evocações alguns filmes elencados, como “Zorba, o grego”, “Advogado do Diabo” ou “Vidas Secas”, filmes considerados clássicos e projetados aos sábados, no Cine Diogo, em sessão especial, denominada “cinema de arte,” reservada aos universitários e intelectuais da cidade ou comentários sobre acontecimentos rememorados, como um acidente, que abalou a cidade, por ocasião da queda súbita de uma caça da FAB, que sobrevoava a beira-mar, na comemoração do dia sete de setembro.

Em geral o tempo reservado à escrita do diário acontecia à noite, antes de dormir, quando me concentrava em uma pequena mesa e a caneta corria leve e ligeira, na evocação dos fatos rememorados.

O segundo caderno, referente àqueles manuscritos, intitulei “Reminiscências Rotas”, relativas ao meu período de internato no Seminário da Prainha, de 1960 a 1963 e de 1964 a 1965, que parcialmente fazem parte da almejada publicação.. Essa subdivisão em dois períodos assim se justifica: o primeiro correspondeu aos quatro primeiros anos do Seminário Menor, a ser concluído em um total de seis, equivalente ao antigo ginásio, concluído com a saída dos padres lazaristas da direção da Prainha e os outros dois anos, correspondentes ao primeiro e segundo ano do Curso Clássico, adotado, após a saída dos Lazaristas, quando os padres seculares assumiram a direção do Seminário Regional, que contava com padres, oriundos de outras dioceses, como o Padre Manfredo Tomás Ramos, o então Pe. Edmilson Cruz e o Padre Irismar Petrola.

Dois momentos decisivos da história da Prainha são abordados na minha pesquisa, do pós-doutorado, mas, neste momento, desejo incluir mais uma terceira divisão temporal da Prainha, a Prainha de hoje em face das pesadas praias de um mundo, afigurado como um mar revolto, cada vez mais complexo: 1864, 1963 e 2013, o ontem, o depois e o aqui e agora.

O meu interesse inicial em relatar a vida limitada pelas simbólicas muralhas que cercavam uma Velha Fortaleza, de identidade religiosa, ante uma Fortaleza, ontem remodelada, quando da urbanização dos cen-

tros urbanos, sob a tutela financeira da Inglaterra e na adoção de uma arremedo do modelo social da França, na segunda metade do século XIX, até uma Fortaleza cada vez mais desfortalecida, a melhor definição da Fortaleza nos dias atuais, onde o peso das notícias sempre retratado com o vermelho do sangue derramado em diferentes espaços sociais, cada vez mais inseguros, material e espiritualmente a todos preocupa.

Os dois períodos históricos, analisados em minha pesquisa, representados pela instalação do Seminário, em 1864, pelos Padres Lazaristas, como um testemunho do processo de romanização versus o impetuoso desafio da racionalização do século XIX e a turbulência da crise vivida nos início da década de sessenta do século passado, até o fechamento temporário dessa instituição, com a saída dos lazaristas e mais incisiva com a decisão tomada pelos padres seculares e pelo Arcebispo Metropolitano, de “fechar” o Seminário, em 1966, constituem os dois cortes cronológicos por mim elencados, na revelação do processo de uma história de longa duração, maneira de definir a divisão temporal, defendida pelo consagrado historiador Fernand Braudel.

Mas, ao ser convidado para esta palestra, comemorativa do sesquicentenário da Prainha, diviso outro corte cronológico, outro desafio, a Prainha nos dias atuais. Afinal a relação entre o ontem, o hoje e o amanhã, constituem a meta primordial da história, apesar da velha e vesga visão da ruptura entre os três tempos históricos como se o presente fosse a completa negação do passado. O *continuum* da história nos remete ao amanhã, em decorrência do hoje e do ontem vivido e sofrido, negado ou relegado, mas presente como se fosse a força da luz solar no nosso curso existencial.

Refiro-me ao papel do Seminário, como expressão das perspectivas doutrinárias e pastorais apresentadas pela Igreja Católica e, para tanto, é bom abrir os olhos e os ouvidos ao mundo laico, campo a ser semeado e cultivado, de acordo com os preceitos evangélicos.

Sobre o papel da religião nos dias atuais, preendeu-me a atenção um artigo publicado pela *Revista Super Interessante*, na edição de setembro deste ano. Sob o título “A Nova Cruzada” e assim é iniciada a reportagem:

“É a vontade de Deus”, clamou o papa à multidão. Seu grito foi saudado com empolgação e rapidamente se espalhou por todo o mundo católico. A Igreja estava em crise, rachada, acuada pela expansão do

Islã. Estamos em Clermont, na França, o ano é 1095, e Urbano II convocava os clérigos e nobres a iniciar a retomada da Terra Santa, conquistada por árabes no século 7. Prometendo indulgência plena (perdão de todos os pecados) para quem partisse para Jerusalém, Urbano II iniciou a Primeira Cruzada da Igreja Católica.

“O Senhor continua precisando de vocês, jovens, para a sua igreja... Não sejam covardes. Saiam às ruas como fez Jesus” diz o papa. desta vez, o papa é Francisco e o ano 2013. Diante dele 3 milhões de pessoas fazem vigília em Copacabana. Outros milhões o assistem pela televisão ou pela internet. Novamente a igreja está em crise. Depois de anunciar indulgência pela remissão a todos que o acompanhassem - mesmo que pelo Twitter -, Francisco convoca os seus soldados na última jornada Mundial da Juventude do Rio de Janeiro e, mais recentemente, pediu aos fiéis da Igreja que não sejam “cristãos de vitrine” e trabalhem pela paz. (O POVO, 13 out. 2013, 2º. clichê). É o início da Nova Cruzada.

E a reportagem acrescenta: “os números são claros: a igreja está em declínio. O catolicismo perde influência na Europa e só cresce nas periferias do planeta. Não é à toa que o Vaticano foi buscar seu papa “no fim do mundo”.

Observem o peso dos dados apresentados nessa revisita: “Embora abrigue a sede da igreja, a Europa deixou de ter o maior número de católicos, sendo superada pela América Latina. E o declínio continua com a secularização e a imigração. Em 1910, 65% dos católicos eram europeus e em 2010 são 44%.

O continente onde a Igreja mais cresce é na África, onde a igreja mantém 55 mil escolas, várias gratuitas, 20 universidades e 16 mil centros médicos e hospitais. E a maior população católica do mundo - a da América Latina - está em declínio, por causa da competição com os evangélicos. Enquanto isso a igreja norte-americana luta contra escândalos sexuais e o Brasil se orgulha de ser considerado o maior país católico do planeta. Segundo a reportagem, “o declínio do catolicismo é assustador - maior do que em qualquer outro país. Em 1950, 95,7% dos brasileiros eram católicos, hoje são só 57%. Ainda assim é a maior população católica do mundo. Mas não nos esqueçamos de que o Brasil é o país que mais perde católicos no mundo. Dos brasileiros, atualmente 28% são evangélicos. E, 1950 eram 3,4%.

E continua o teor da reportagem: “Hoje há um livre mercado espiritual na região, onde empresas novas e agressivas vendem os Evangelhos com linguagem mais atraente e apoio social às comunidades,” diz o professor Roger Finke, professor de estudos religiosos da Universidade Estadual da Pensilvânia, nos Estados Unidos. Para combater essa tendência, a cruzada do Papa Francisco vai valorizar a renovação carismática - a resposta católica ao neopentecostalismo, a la Padre Marcelo Rossi. “Nos anos 70, início dos 80, eu não podia nem vê-los”, admitiu o Papa Francisco, enquanto voltava do Rio para Roma. “Agora vejo que esse movimento faz muito bem à igreja,”

Ao ler, costumeiramente, o jornal *O Povo*, em um desses finais de semana, prendeu-me a atenção, no caderno Vida & Arte, deste jornal, (O POVO, de 15 set. deste), artigo do médico cearense, residente no Recife, Ronaldo Correia de Brito, conhecido entre nós como autor das obras literárias *Estive Lá fora*, *Retratos Imorais* e *Galileia*.

Sob o título “Na academia e na Igreja”, ele comenta o teor do discurso de posse do ex-Presidente Fernando Henrique Cardoso, na Academia Brasileira de Letras, ao destacar a importância dos rituais na vida do homem: “Num mundo secularizado, onde as festas são apenas datas nos calendários e os ciclos agrários desapareceram, os ritos que marcavam as estações e as idades das pessoas - infância, adolescência, juventude, maturidade, velhice - agora são determinados pelas engrenagens de produção e consumo. Quase ninguém guarda o sentido sagrado do Natal, Carnaval, São João, Corpus Christi, Assunção, Ressurreição, solstícios e equinócios. Nem lembra que essas festas de origem pagã obedeciam às quatro estações do ano, aos plantios e às colheitas, aos movimentos dos astros no céu, e que o cristianismo apôs sobre elas as suas celebrações religiosas”.

E no decorrer do artigo, acrescenta: “Até mesmo a religião católica afastou-se do sagrado. Algumas celebrações parecem mais aulas de ginástica, comandadas por um padre professor de educação física, de voz impostada e olhos falsamente virados para cima, que falam de Deus como se vendessem bolsas Louis Vuitton. As igrejas velhas, construídas para os fieis sentirem no seu interior a presença de Deus, exercem “uma impressão de oprimente tristeza, pela atmosfera de museu turva e morta que exala: pela plenitude de seus passados exumados e faticosamente conservados, de que se nutre um presente mesquinho...” “Não

apenas o canto gregoriano foi substituído pela voz melíflua de padres cantores bregas, os próprios rituais se esvaziaram de sua essência: o sagrado. A igreja tornou-se social, pop, natural, um Shopping Center de Deus Mix.” E ao final do artigo, o articulista foi mais taxativo: “O sagrado foi banido de nossas vidas, dos rituais católicos, das seitas evangélicas caça-níqueis. Recentemente, fiz questão de assistir algumas missas, de percorrer igrejas superlotadas e impressionei-me com o número de pessoas que comparecem a esses encontros sociais, comandados por padres de discursos incoerentes, sem força de convencimento, como se neles mesmos, os padres, faltasse crença no que afirmam e prometem. Os sermões não tocam em questões transcendentais nem se adequam às questões modernas. São discursos técnicos, burocráticos, de um hermetismo sem poesia e sem iluminação.”

Não tomo tais afirmações como minhas, mas as respeito e nelas percebo a cobrança que os leigos nos fazem, ao nos advertirem que o avanço dos dias atuais em busca do amanhã compensador, na tônica da contraditória definição de pós-modernidade, ou globalização agonizante, não pode ser compreendida nem definida, se, ilusoriamente, manifestar um desejo de romper com o passado, pedra fundamental do hoje, que não pode ser entendido como uma ruptura com o ontem, definido como algo velho, superado, descartável.

Preocupante e contraditória é a indicação da Igreja Católica, Apostólica Romana no cenário internacional. Por isso, é bom não esquecer da sensível mensagem do apóstolo, ao afirmar: “Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos Anjos, se não tiver caridade, seria como o bronze que soa ou como o símbolo que tine. Se tivesse o dom da profecia, conhecesse todos os mistérios e possuísse toda a ciência, e se tivesse toda fé, de modo a transportar os montes, mas não tivesse a Caridade, não seria nada. E ainda que distribuísse todos os meus bens para mantimento dos pobres, e entregasse meu corpo para ser queimado, se não tivesse a Caridade, nada me aproveitaria. A caridade é paciente, é benigna; a caridade não é invejosa, não trata levemente, não se ensoberbece, não é ambiciosa, não cuida [apenas] de seus interesses, não se irrita, não julga mal, não folga com a injustiça, porém, alegra-se com a verdade; tudo suporta, tudo crê, tudo espera, tudo sofre.” (1 Cor. 13, 1-13).

No mundo atual muito se fala, muito se propaga, mais ainda se divulga, mas as vozes voláteis se perdem na ânsia da autoafirmação

onde o Ego pesa mais forte do que o saber ouvir, saber atentar, menosprezando o valor do senso coletivo em escala inferior ao absurdo do egocentrismo consumista. As costumeiras confissões, ao longo da história da Igreja Católica, já não mais são tão usuais, como nos velhos tempos, ou mais precisamente no século passado. Os laços de solidariedade e fraternidade, revelados através dos depoimentos dos entrevistados, na minha pesquisa, nos convencem da necessidade da busca de um coletivo do outrem e dos outros modos de ser e ser e perceber a realidade existencial, que não devemos menosprezar, nem colocar a reboque da mercantilização da vida atual, em que tudo se comercializa, tudo se vende, tudo perde o seu valor intrínseco.

As respostas às impostas indagações constantes do mundo que nos cerca constituem um desafio a todos nós e máxime aos que se dizem católicos, apostólicos, romanos. Ao Arcebispo Metropolitano de Fortaleza aos demais Bispos do Ceará, aos padres, seminaristas e leigos as indagações se multiplicam e, ao nosso redor, o peso dos pesares hodiernos constitui um desafio a todos nós e o que a Igreja no Ceará tem a nos apresentar ante tal desafio? A Fortaleza simbólica e concreta, que é como denomino o Seminário da Prainha desmoronou ou se sente impotente para enfrentar a turbulência do novo século?

Para encerrar minhas palavras, apresento-lhes meu próprio depoimento, que está presente nos dois últimos parágrafos do meu livro:

“Os laços de solidariedade e o respeito aos outros, desde que não maculem o potencial da “individuação”, merecem ser preservados como legado valioso do velho casarão da Prainha. Se a caridade cada vez mais se descaracteriza nos dias atuais e a esperança pode ser diluída pela falta de perspectivas de melhorias, é preciso ter fé e caridade, que nos façam persistir na luta em prol do coletivo. Afinal, conforme mais uma vez nos lembra Jung, o consagrado psicólogo,

A aventura espiritual do nosso tempo consiste na entrega da consciência humana ao indeterminado e ao indeterminável, embora nos pareça - e não sem motivos - que o ilimitado também é regido por aquelas leis anímicas que o homem não imaginou, cujo conhecimento adquiriu pela “gnose” no simbolismo do dogma cristão, e contra o qual só os tolos e imprudentes se rebelam; nunca porém, os amantes da alma.

À primeira vista, a afirmativa de Jung poderia ser considerada extemporânea, mas para reforçar a argumentação da sua validade, é importante considerar o papel das Religiões nos dias atuais. O comentário do nosso conhecido teólogo, padre Manfredo Oliveira bem o define: “Os grandes analistas, mesmo aqueles que não têm fé nenhuma, voltam a insistir na importância fundamental das religiões na nossa sociedade e até advogam o papel que as religiões podem contribuir para ajudar no processo de humanização da vida. Eles dizem que as religiões têm uma longa tradição ética e que podem, se elas forem capazes de traduzir sua linguagem para uma linguagem secular, elas podem dar enormes contribuições na busca da construção de um mundo alternativo. As religiões para eles seriam uma enorme significação, sobretudo no nível da busca de princípios que possam orientar o ser humano no mundo.” (Jornal O POVO, 24 abr. 20011, p. 4).

É verdade que as minhas palavras são a expressão de uma experiência pessoal, de um ex-interno da Prainha, dos seus onze aos dezesseis anos, mas que não podem ser excluídas de uma experiência coletiva, revelada pela memória dos entrevistados, afinal o individual e o coletivo se imbricam e se complementam, na busca da compreensão do processo histórico. Os velhos dilemas e desafios, como o do celibato, devem ser encarados com transparência, como uma autêntica modalidade de opção individual, voltada ao desafio do social hodierno.

Nas palavras de Dom Pietro Pardin, indicado para Secretário do Estado do Vaticano, o celibato “não é um dogma da igreja e pode ser discutido porque é uma tradição eclesial”. Vários dos depoentes criticaram a permanente exigência do celibato ou reconheçam a sua contradição embora outros o defendam como uma opção existencial.

Como demonstrativo dessas opções, enquanto um afirma “Olha, o celibato, na verdade, é um bem e é um bem pessoal. O negativo do celibato é que seja uma coisa imposta, sem o qual não se chega ao almejado”, outros dois se revelam como defensores espontâneos dessa discutida opção existencial. Para o Padre João Firmino Cruz, da Diocese de Iguatu, “Se casar passa a ser uma cruz, para o homem e para a mulher, se você quer ser revolucionário, você não pode se casar. Para ser um revolucionário mesmo, você tem que estar livre. Essa foi a experiência de Jesus Cristo, que nunca impunha, mas apresentava a sua maneira de vida a quem o quisesse seguir...” E o Padre José Maria

Cavalcante Costa, da Arquidiocese de Fortaleza, reforça esse depoimento ao ressaltar que “o celibato hoje, em vez de apelar muito no sentido místico, de ser uma imagem, meu lugar vai ser do céu... é o testemunho da pobreza, por conta do reino de Deus, que quero abraçar, numa radicalidade do Evangelho. Há um direito que me assiste para me casar, mas eu deixo tudo para me entregar totalmente, ser livre de uma forma total, sem um apego a nada. Eu vejo o celibato nessa linha, da pobreza”.

Para o hoje agrônomo Tarcísio Holanda, ex-interno da Prainha “quando a gente se reunia com os vigários, eu passei a vivenciar, a ver o que era uma vida de vigário, de padre diocesano, então me apavorei. É um homem sozinho, isolado que se dispunha a ajudar todo mundo, e não recebia a ajuda de ninguém. Quando terminava de rezar, todas as famílias iam para suas casas e ele ficava sozinho, só ele e Deus, precisava ter muita fé mesmo, pois não tinha com quem conversar, a quem perguntar, nem para perguntar se as coisas estavam no lugar, nem quem fizesse um chá. Não tinha nada. Era um homem abandonado. Eu vi muito padre chorando por causa dessa solidão. Não era só o celibato, em si, mas o isolamento social e afetivo, porque se você tem um amigo, você fica afeiçoado ao amigo, com quem você conversa...”

O peso da solidão, no cotidiano de um sacerdote, pode ser expresso em diferentes maneiras de manifestar os sentimentos vividos. Para o padre Giovanni Saboia, foi o herege Voltaire que lhe deu uma definição de Padre: “que nenhum papa, nenhum santo, nenhum teólogo deu.” E acrescentou: “padre é uma classe que estuda junta, trabalha separado e morre abandonado.” O Professor Gerardo Campos explicou, na sua entrevista, que o peso maior para a sua saída da vida sacerdotal “foi mais a solidão. O padre era muito só. Lembro-me muito bem dessa experiência. O padre era muito só.”

Imprescindível é não esquecer a mensagem do apóstolo Paulo, insisto em repetir, na necessidade de uma total doação, quando destacou: se eu falar a língua dos anjos e dos homens, mas não tiver caridade, nada sou... O reconhecimento do valor de uma ação concreta, baseada na sinceridade, que rima com caridade, ecoa em diferentes espaços, no vulgar e no incomum, no trágico e no hilário, afinal a mensagem do conhecido, mesmo após falecido, Professor Raimundo, na sua escolinha, nos é valiosa:”palavras são palavras, nada mais do

que palavras” ou, rememorando a tradição latina, *verba volant*, só os exemplos atraem. Sem a caridade, nada se obtém na busca de uma coerência existencial.

No temido século XXI, a desfortalecida Fortaleza, que não mais parece ser a Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, mas uma insegura capital, descapitalizada espiritualmente, cada vez mais ferida pela força do capital, ela se encontra à espera de uma redenção, ansiosa por uma fortalecida e concreta proposta existencial, pastoral, baseada na caridade. A resposta aos anseios contemporâneos e às indagações, não respondidas, é um desafio direto aos que compõem a Igreja e ainda acreditam *in unam sanctam catholicam et apostolicam Ecclesiam* e esperam *ressurrectionem mortuorum Et vitam venturi saeculi*.

Bibliografia

BRANDÃO, José Ribamar Fernandes. *A Verdade Sobre Dom José de Medeiros Delgado, Arcebispo de Fortaleza*. (Monografia) Universidade Estadual do Ceará. Curso de especialização em Ciência e Religião: o fenômeno religioso. Fortaleza, 1999.

CAMINHA, Adolfo. *A Normalista*. Fortaleza: ABC, 2005.

CARVALHO, Jader. de. *Aldeota*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2003. (Coleção Clássicos cearenses). [1a. edição, 1963].

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

Jornal *O Povo*, 24 abr. 2011 e 15 set. 2013.

JUNG, Carl Gustav. *Memórias, sonhos, reflexões*. Org. e edição de Aniela Jaffé. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

JUNG, Carl Gustav. *Psicologia e religião*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

MENEZES, Antonio Bezerra de. *A descrição da cidade de Fortaleza*. Introdução e notas de Raimundo Girão. Fortaleza: Edições UFC/Prefeitura Municipal de Fortaleza, 1992.

PORTO, Márcio de Souza. *Dom Delgado na igreja de seu tempo*.

(1963-1969). Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História, Mestrado em História Social. Fortaleza, 2007. Dissertação de Mestrado.

Religião, a nova cruzada. In *Revista Super Interessante*, set. 2013, p. 66 - 75.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 2007.